

SEÇÃO IV

Inflação

Sumário

Maria Andréia Parente Lameiras

Técnica de planejamento e pesquisa na
Diretoria de Estudos e Políticas
Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

maria-andreia.lameira@ipea.gov.br

Ao contrário do verificado no primeiro trimestre do ano, os principais índices de preços mostram que, nos últimos meses, a inflação brasileira não apenas reverteu sua trajetória de aceleração, como também vem apresentando sinais de arrefecimento maior do que se esperava. A recente desaceleração da alta dos alimentos e o comportamento mais benevolente dos preços administrados contribuíram para um significativo recuo da inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que acumula apenas 3,2% em doze meses, até julho. Com essa melhora do quadro atual, a projeção do Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea para o IPCA de 2019 passou de 3,9% (projeção feita em junho, na edição anterior da *Carta de Conjuntura*) para 3,75%.

Dentro desse contexto de alívio inflacionário, o Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda também aponta um recuo da inflação em doze meses para todas as faixas pesquisadas. No entanto, essa queda vem ocorrendo mais significativamente entre as famílias de maior poder aquisitivo. De fato, embora em desaceleração, os preços dos alimentos e as tarifas de ônibus – dois itens de grande peso na inflação dos mais pobres – ainda apresentam variação relativamente alta no período, com taxas de 4,7% e 6,8%, respectivamente. Todavia, a deflação de 2,8% dos combustíveis, no acumulado em doze meses, vem contribuindo para uma desaceleração inflacionária um pouco maior para as classes de renda mais alta. No acumulado até julho, enquanto a inflação da faixa de renda mais baixa aponta alta de 3,4%, a das camadas mais ricas encontra-se em patamar levemente inferior (3,2%).

Para o restante do ano, no entanto, a tendência é que esse diferencial se mantenha, tendo em vista que as projeções de inflação do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea revelam que, embora desacelerando em relação ao divulgado na *Visão Geral* da edição anterior da *Carta de Conjuntura* (4,8%), a alimentação no domicílio deve encerrar 2019 com alta de 4,7%, o que pressionará relativamente mais a inflação das classes mais pobres. Entretanto, um cenário mais benéfico para os combustíveis deve gerar uma descompressão um pouco maior sobre a inflação das famílias mais ricas. Essa melhora também deve contribuir para reduzir a inflação para os preços monitorados em 2019, cuja previsão recuou de 5,5%, em junho, para 5,3%.

A inflação de bens livres, exceto alimentos, projetada para 2019 é de 1,5%, mantendo-se em patamar inferior ao estimado anteriormente (2,0%), refletindo não apenas um crescimento mais modesto da economia, como também uma desaceleração

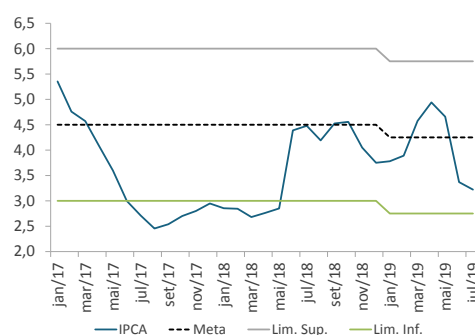
no ritmo de crescimento da massa salarial. No caso dos serviços livres, excluindo educação, a projeção manteve-se inalterada em 3,3%. Já a previsão de inflação dos serviços educacionais para 2019 manteve-se praticamente constante, passando de 5,0%, na divulgação anterior, para 5,1%. Dentro deste contexto, o IPCA deve encerrar o ano com variação acumulada de 3,75%, ante taxa de 3,90% projetada em junho.

Por fim, deve-se ressaltar que, apesar do ambiente interno favorável, uma eventual desvalorização cambial, advinda da piora do cenário internacional, poderia constituir-se em um foco de pressão sobre a inflação brasileira. Todavia, as boas perspectivas para a produção de grãos, detalhadas na seção de Economia Agrícola desta *Carta de Conjuntura*, podem ajudar a baixar ainda mais a inflação prevista para este e o próximo ano.

1 Índices de preços: Núcleos e difusão

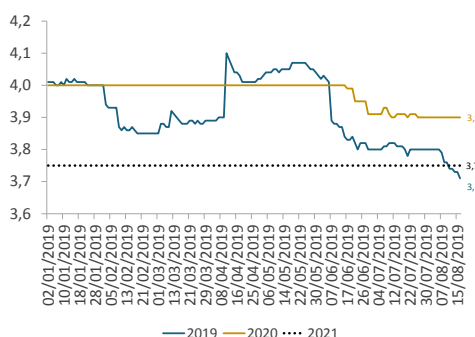
Após iniciar o segundo trimestre com uma variação acumulada em doze meses de 4,9%, a inflação brasileira, medida pelo IPCA, veio desacelerando ao longo dos últimos meses de tal modo que, em julho, essa taxa já havia recuado para 3,2% (gráfico 1). Embora boa parte dessa queda na inflação em doze meses tenha ocorrido pelo efeito estatístico causado pelo expurgo da taxa mensal de junho de 2018 – fortemente impactada pela greve dos caminhoneiros –, é fato que a inflação vem arrefecendo de modo mais significativo que o esperado, refletindo uma melhora no comportamento de praticamente todos os grupos que a compõem. Em julho, o IPCA registrou alta de 0,19%, alcançando o melhor resultado para o mês nos últimos cinco anos. Na comparação com 2018, nota-se que, mesmo diante de uma desaceleração de preços de alimentos mais amena, a taxa de inflação recuou 0,14 p.p., possibilitada, sobretudo, pelas deflações dos combustíveis e dos itens de higiene pessoal, além do reajuste menos intenso das tarifas de energia elétrica. Esse recente alívio inflacionário acima

GRÁFICO 1
IPCA – índice total
 (Taxa de variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2
IPCA – expectativas de inflação
 (Taxa de variação acumulada no ano, em %)



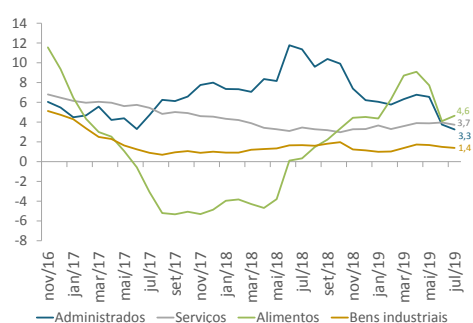
Fonte: *Relatório Focus*/BCB.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

do previsto, combinado com as perspectivas de melhora nos preços dos alimentos e dos bens e serviços monitorados, gerou uma desaceleração das expectativas de inflação para o ano, fazendo com que a taxa estimada pelo mercado recuasse de 4,1% em abril para 3,71% em agosto (gráfico 2). De modo similar, as projeções de inflação do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea também indicam um cenário de inflação mais favorável em 2019, dado que a alta de 3,75% estimada para o IPCA no ano está levemente abaixo da projetada na edição anterior da Visão Geral da Carta de Conjuntura (3,90%).

A análise desagregada da inflação acumulada em doze meses revela que, no último trimestre, todos os componentes do IPCA apresentaram uma melhora em suas trajetórias, sendo que as maiores desacelerações foram verificadas nos segmentos de preços administrados e de alimentos no domicílio (gráfico 3). Após encerrar o primeiro trimestre de 2019, com uma variação acumulada de 6,3%, os preços administrados vieram recuando, de modo que, em julho, já apontavam taxa de 3,3%. De modo similar, a inflação em doze meses dos alimentos desacelerou de 8,7% para 4,6%, entre março e julho. Em termos de contribuição, essa desaceleração dos preços administrados e dos alimentos vem permitindo que o impacto desses conjuntos de preços no IPCA total venha diminuindo gradativamente ao longo dos últimos meses (gráfico 4). No caso dos bens e serviços administrados, nota-se que, enquanto em julho de 2018 esse conjunto de preços respondeu por 64% de toda a variação do IPCA em doze meses, em julho de 2019 essa participação recuou para 26%. Já para os alimentos, observa-se que o impacto inflacionário sobre o IPCA acelerou fortemente de agosto de 2018 a abril de 2019 – quando respondeu por 30% da variação inflacionária total – e, então, passou a perder intensidade. Em julho último, a alta dos alimentos foi responsável por 23% da inflação no período. Em contrapartida, embora a inflação de serviços livres em doze meses apresente relativa estabilidade, esse grupo vem contribuindo relativamente mais para a variação total do IPCA. Entre julho de 2018 e julho de 2019, a participação dos serviços na inflação brasileira avançou de 28% para 41%.

GRÁFICO 3
IPCA por categorias

(Taxa de variação acumulada em doze meses, em %)

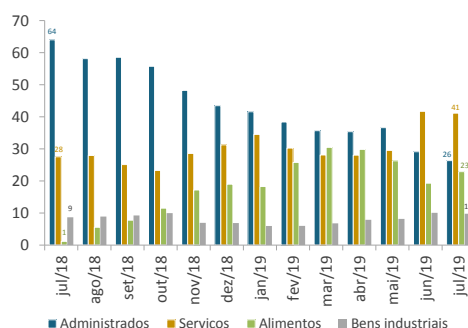


Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4
Participação das categorias no IPCA em doze meses

(Em %)

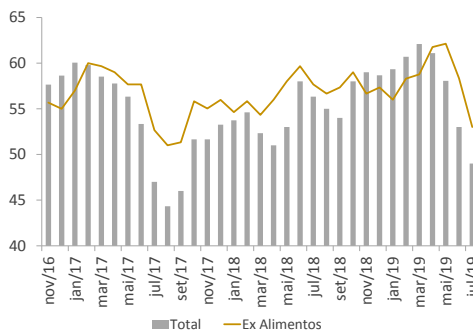


Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Como já era esperado, a queda no ritmo de crescimento dos preços, ao longo dos últimos meses, vem possibilitando uma desaceleração tanto do índice de difusão, quanto das medidas de núcleo da inflação. No tocante ao indicador de difusão, observa-se que a proporção de itens dentro do IPCA com variação positiva no trimestre móvel, encerrado em julho, foi de 49%, o que vem a ser o melhor resultado desde o período compreendido entre julho e setembro de 2017 (gráfico 5). De modo semelhante, mesmo com a exclusão dos alimentos do cálculo, verifica-se uma melhora no desempenho desse indicador nos últimos meses, ratificando uma trajetória de reajustes de preços cada vez menos disseminada na economia.

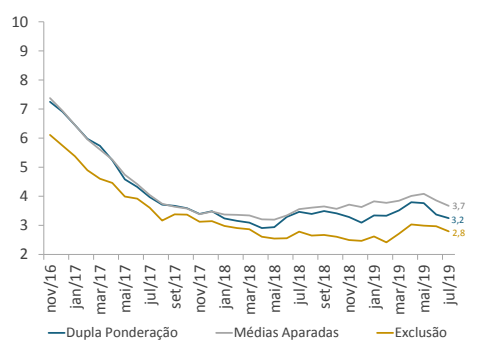
GRÁFICO 5
Indicador de difusão do IPCA
(Médias móveis trimestrais)



Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

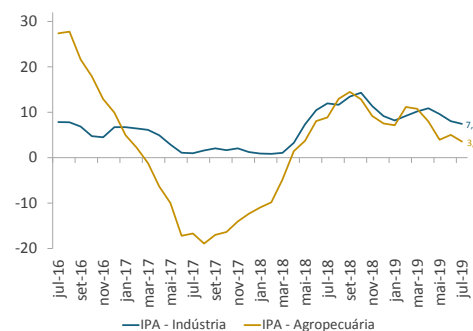
Essa melhora no ambiente inflacionário é corroborada pelo comportamento das principais medidas de núcleo da inflação que registram desaceleração, independentemente da métrica utilizada (gráfico 6). Por certo, não obstante a essa trajetória mais confortável, a análise dos núcleos mostra uma inflação consistentemente abaixo da meta de inflação (4,0%). No caso do núcleo por exclusão, que expurga do cálculo inflacionário as altas de preços administrados e alimentos, ou seja, os principais vilões no passado mais recente, este resultado é ainda mais significativo, tendo em vista que sua taxa de variação acumulada em doze meses vem girando abaixo de 3,0%.

GRÁFICO 6
IPCA – medidas de núcleo de inflação
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: BCB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7
Índice de preços ao produtor amplo - IPA
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: FGV.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

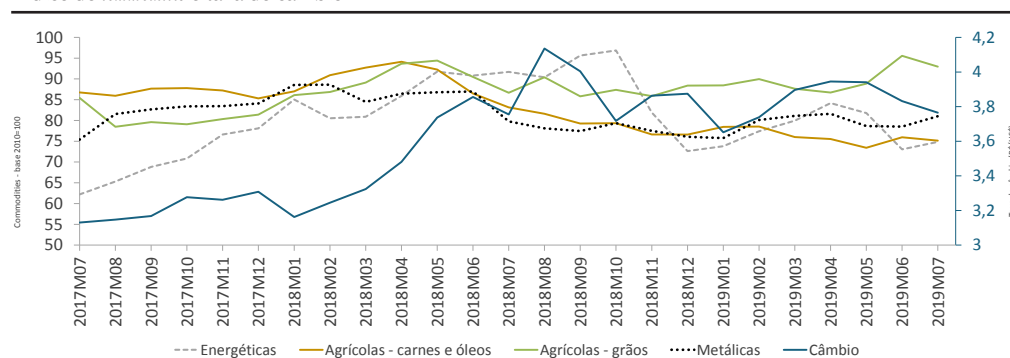
O que vem acontecendo no varejo está em linha com os principais índices de preços no atacado, que também mostram desempenhos mais favoráveis nos últimos meses. De acordo com o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), no acumulado em doze meses, a inflação recuou de 10,3% em março para 6,5% em julho, repercutindo uma melhora na trajetória de preços dos produtos agrícolas e industriais (gráfico 7). No caso do



IPA agropecuário, observa-se que, de março a julho, a inflação dos alimentos no atacado em doze meses desacelerou 7,2 p.p., passando de 10,8% para 3,5%. Ainda que em menor intensidade, os preços industriais também apontam queda nas suas taxas de variação em doze meses, com alta de 7,4% em julho ante 10,2% apontada em março.

Essa queda mais significativa dos preços agrícolas ao produtor reflete um movimento que combina uma desaceleração das cotações internacionais de *commodities* (grãos, carnes e óleos), além de uma leve apreciação cambial (gráfico 8). No caso das *commodities* industriais, nota-se – apesar de uma leve reversão da trajetória de queda na margem, impulsionada por uma alta da demanda chinesa por metais em julho e pelas especulações de corte na produção de petróleo pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) – que as perspectivas de um crescimento mais fraco da economia mundial em 2019 não deve exercer pressões adicionais sobre os preços internacionais nos próximos meses. No entanto, as incertezas do cenário internacional vêm desencadeando uma onda de desvalorizações cambiais nos últimos dias que, caso se estenda por um período mais longo, pode vir a se tornar um foco de pressão inflacionária para o país.

GRÁFICO 8
Índice de *commodities* e taxa de câmbio



Fonte: Banco Mundial e BCB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Inflação de alimentos

Após surpreender negativamente no primeiro quadrimestre do ano, chegando a registrar variação acumulada em doze meses de 9,1%, em abril, a inflação de alimentos vem revertendo essa trajetória de forte alta, de modo que, em julho, a taxa apontada já foi de 4,6%. Se, por um lado, é fato que o expurgo da variação mensal de 3,1% observada em junho de 2018, por si só, já geraria uma desaceleração da inflação em doze meses, por outro, deve-se pontuar que a melhora acima do esperado de itens importantes como trigo, soja, feijão e leite vem contribuindo para um recuo mais rápido desse segmento. De acordo com a tabela 1, observa-se que, embora a inflação dos alimentos em doze meses tenha acelerado em junho e

julho, essa alta foi concentrada em praticamente três subgrupos de grande peso: tubérculos, frutas e carnes. No caso dos tubérculos, deve-se salientar que, mesmo tendo apontado deflação na taxa mensal de julho (-2,1%), essa queda foi de intensidade menor que a mostrada neste mesmo mês de 2018 (-27,5%).

TABELA 1

IPCA – alimentação no domicílio por subgrupos

(Variação acumulada em doze meses, em %)

	jul/18	mai/19	jun/19	jul/19
Alimentação no domicílio	0,3	7,7	4,1	4,6
Cereais, leguminosas e oleaginosas	-16,2	23,8	15,2	12,0
Farinhas, féculas e massas	-1,6	2,5	0,4	-1,2
Tubérculos, raízes e legumes	-3,6	29,0	25,1	68,9
Açúcares e derivados	-11,3	3,4	2,2	0,8
Hortaliças e verduras	2,4	10,3	12,6	14,9
Frutas	3,5	12,3	3,7	12,6
Carnes	2,0	5,8	1,6	4,0
Pescados	3,1	3,9	1,6	0,9
Carnes e peixes industrializados	-1,4	5,7	4,1	1,3
Aves e ovos	-0,8	15,1	10,3	10,1
Leite e derivados	13,3	4,6	-3,1	-9,6
Panificados	3,0	4,8	2,9	1,7
Óleos e gorduras	-0,6	4,7	3,5	1,4
Bebidas e infusões	-1,3	1,7	1,6	1,3
Enlatados e conservas	3,6	2,7	2,8	3,1
Sal e condimentos	-7,3	4,7	5,0	5,6

Fonte: IBGE.

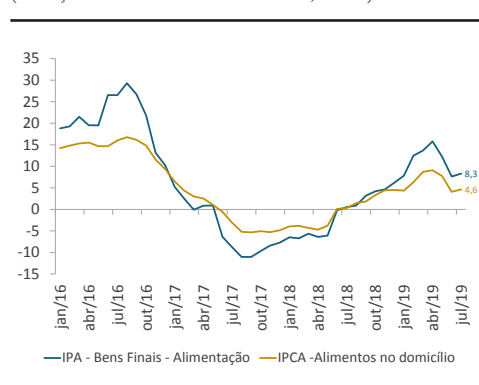
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Esse recuo dos preços dos alimentos para o consumidor reflete uma desaceleração ainda maior da inflação no âmbito do produtor. No acumulado em doze meses, o IPA bens finais – alimentação recuou de 15,8% em abril para 8,3% em julho (gráfico 9). Nota-se que, embora em queda, a inflação no atacado segue acima da observada no varejo, sinalizando que, mesmo em se tratando de produtos com elasticidade-preço elevada, é provável que o ainda fraco desempenho da demanda esteja impedindo o repasse total dos reajustes recebidos pelo produtor para o consumidor final.

GRÁFICO 9

Inflação de alimentos – IPCA versus IPA

(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE e FGV.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

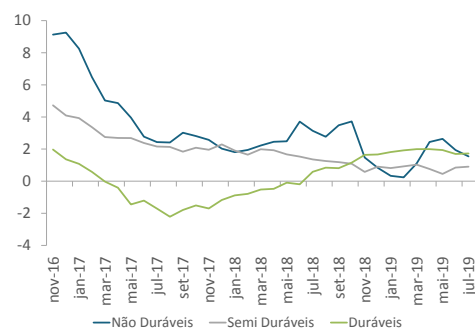
Além da melhora já verificada no comportamento dos alimentos, em especial dos grãos, as estimativas de safra para 2019 vem sistematicamente sendo revisadas para cima. De acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) divulgado em julho pelo IBGE, a produção brasileira de grãos este ano deve crescer 5,8% em relação à obtida em 2018, o que, se confirmada, será, inclusive, maior que a supersafra colhida em 2017. Deve-se ressaltar, entretanto, que parte dos efeitos dessa melhora esperada no comportamento dos grãos – em especial trigo, milho e soja – sobre os preços dos alimentos deve ser atenuada por uma alta um pouco mais significativa das carnes. De fato, segundo indicadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Universidade de São

Paulo (USP), nos últimos doze meses, encerrados em julho, o preço do boi gordo registra alta de 8,0%, enquanto o frango vivo e o suíno vivo apontam elevações ainda mais intensas, com variações de 11,2% e 63,5%, respectivamente. Dentro deste contexto, os modelos de previsão do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea mostram um leve recuo da inflação de alimentos projetada para 2019, que passou de 4,8%, na divulgação de junho, para 4,7%, gerando uma contribuição de 0,76 p.p. para o IPCA fechado no ano.

3 Inflação de bens e serviços

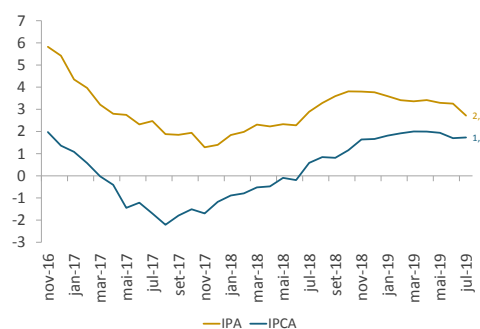
Em relação aos demais preços livres da economia, os dados mostram que no último trimestre as inflações acumuladas em doze meses dos bens industriais e dos serviços mantiveram-se estáveis em patamares confortáveis. No caso dos bens industriais, observa-se que, além do baixo dinamismo do consumo das famílias, a melhora na trajetória da taxa de câmbio, no segundo trimestre, vem consolidando a inflação desse segmento em taxas próximas 1,5%. Na decomposição deste grupo, evidencia-se que todos os componentes apresentam variações bem-comportadas, com destaque especial para os semiduráveis, com inflação inferior a 1,0%, repercutindo uma alta de apenas 0,52% dos itens de vestuário nos últimos doze meses (gráfico 10). Deve-se registrar também que, embora em leve aceleração, os bens de consumo duráveis ainda mostram uma inflação no varejo abaixo da observada no atacado (gráfico 11), influenciada, em grande parte, pela deflação de 1,3% dos aparelhos eletroeletrônicos.

GRÁFICO 10
IPCA – Bens de Consumo industriais
 (Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 11
IPCA x IPA – Bens de Consumo industriais
 (Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE e FGV.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A análise da inflação de serviços livres mostra que, apesar de apresentar taxas de variação acumuladas em doze meses próximas a 4,0%, esse grupo de preços vem sendo influenciado negativamente pela aceleração dos serviços de transporte e residenciais (tabela 2), impactados pela alta das passagens aéreas (23,4%) e dos aluguéis (3,6%). No entanto, os dados mostram que o comportamento dos serviços subjacentes (cuja metodologia desenvolvida pelo BCB exclui a influência de três conjuntos de itens – passagens aéreas, hotel e excursão; empregado doméstico e mão de obra na residência; e cursos regulares e diversos, internet, telefone e TV

a cabo) aponta uma trajetória bem mais benéfica, com taxas de inflação em doze meses em desaceleração e próximas a 2,0% (gráfico 12).



TABELA 2

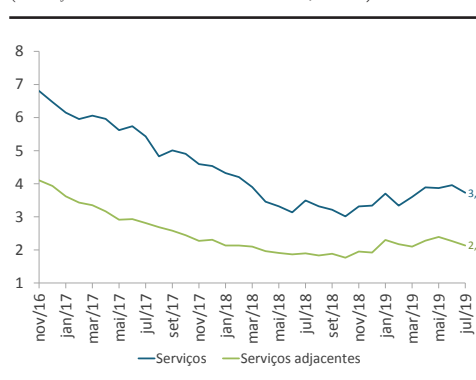
IPCA de serviços livres por subgrupos
(Variação acumulada em doze meses, em %)

	Total	Serviços de Alimentação	Serviços Residenciais	Serviços de Transportes	Serviços Médicos	Serviços pessoais e de recreação	Serviços de Educação	Serviços de Comunicação
jul/18	3,5	3,4	2,3	3,9	4,1	4,0	5,5	1,6
ago/18	3,3	3,3	2,4	1,2	3,8	3,9	5,6	2,5
set/18	3,2	3,5	2,5	1,0	3,6	3,7	5,4	1,8
out/18	3,0	3,3	2,3	-0,1	3,7	3,7	5,4	1,1
nov/18	3,3	3,6	2,7	2,2	3,9	3,7	5,4	0,6
dez/18	3,3	3,2	2,8	4,2	4,0	3,4	5,4	0,6
jan/19	3,7	3,9	2,7	5,0	4,4	4,0	5,5	0,5
fev/19	3,3	3,7	2,6	1,9	4,6	4,0	4,9	0,3
mar/19	3,6	3,3	2,7	5,8	4,7	4,2	4,9	0,3
abr/19	3,9	4,2	3,0	6,1	4,5	4,1	5,0	0,3
mai/19	3,9	3,9	3,5	4,9	4,9	4,2	4,9	0,0
jun/19	4,0	3,8	3,6	7,1	4,7	4,0	5,0	0,0
jul/19	3,7	3,2	3,4	5,5	4,7	4,1	5,0	0,8

Fonte: IBGE.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Para o restante do ano, a projeção para a inflação dos bens e serviços livres baseia-se em um cenário marcado pelo crescimento modesto da economia, além de uma desaceleração no ritmo de crescimento da massa salarial. Dessa forma, mantendo-se a hipótese de estabilidade da taxa de câmbio, os bens livres, exceto alimentos, devem encerrar o ano com uma variação acumulada de 1,5%, ou seja, em patamar inferior ao projetado em junho passado (2,0%). No caso dos serviços, exclusive educação, a projeção de inflação para 2019 mantém-se em 3,3%, tendo em vista que, embora haja uma pequena melhora no desempenho dos serviços pessoais e de saúde, a forte alta das passagens aéreas no bimestre junho-julho acabou pressionando um pouco mais os serviços de transportes. Por fim, no que diz respeito aos serviços de educação, a projeção atual (5,1%) é levemente superior à divulgada anteriormente (5,0%).

GRÁFICO 12
IPCA – inflação de serviços livres
(Variação acumulada em doze meses, em %)



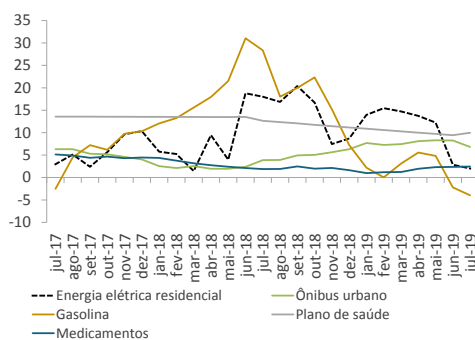
Fonte: IBGE e FGV.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4 Inflação de preços administrados

Após apresentar, ao longo do primeiro quadrimestre do ano, uma trajetória inflacionária de forte aceleração, chegando a acumular variação em doze meses de 6,8% em abril, os preços administrados iniciaram um processo de desinflação, gerando um recuo dessa taxa para 3,3% em julho. Essa expressiva melhora no comportamento dos preços administrados reflete um desempenho mais favorável

de praticamente todos os itens que compõem este segmento. De fato, na abertura desse conjunto de preços, observa-se que as maiores contribuições à queda vieram dos combustíveis e da energia elétrica, repercutindo, no primeiro caso, em reajustes menores em 2019, comparando-os com os verificados em 2018 e, no segundo caso, no recuo da cotação do barril do petróleo no mercado internacional. O destaque negativo continua sendo a trajetória dos planos de saúde, cujos reajustes mantêm-se estáveis, em patamar elevado, próximos a 10% (gráfico 13).

GRÁFICO 13
IPCA – inflação de preços administrados
 (Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Conforme previsão do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para os próximos meses, a expectativa é de continuidade dessa desaceleração dos preços administrados, que devem encerrar o ano com variação de 5,3%, ante taxa de 5,5% projetada na *Carta de Conjuntura* de junho. Esse recuo na projeção reflete uma queda recente mais acentuada dos combustíveis, além de um cenário sem pressões aparentes sobre os preços do barril de petróleo no mercado internacional. Nota-se, no entanto, que este alívio inflacionário vindo do comportamento dos combustíveis poderia ser ainda maior, caso não se verificasse uma piora no desempenho da energia elétrica, ocasionado pelo aumento acima do esperado da tarifa cobrada pela distribuidora Enel, em São Paulo.

5 Inflação por faixa de renda

Em julho, embora tenha registrado aceleração em todas as classes pesquisadas, na margem, o Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda¹ apresentou um comportamento bem favorável quando comparado ao resultado observado neste mesmo mês no ano anterior. Esse aumento da inflação entre junho e julho, especialmente verificado nas classes de renda mais baixa (tabela 3), reflete não apenas o aumento das tarifas de energia elétrica, mas também um desempenho menos benéfico dos alimentos no domicílio.

TABELA 3
Inflação por faixa de renda
 (Variação mensal e acumulada, em %)

Faixa de renda	mai-19	jun-19	jul-19	Acumulado no ano	Acumulado 12 meses
Muito baixa	0,10	-0,03	0,22	2,61	3,38
Baixa	0,11	-0,02	0,21	2,46	3,23
Média-baixa	0,13	0,00	0,21	2,45	3,33
Média	0,16	0,02	0,20	2,42	3,22
Média-alta	0,18	0,02	0,18	2,38	3,17
Alta	0,18	0,03	0,17	2,44	3,21

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1. O Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda é calculado com base nas variações de preços de bens e serviços disponibilizados pelo Sistema Nacional de Índice de Preços ao Consumidor (SNIPC) do IBGE. Metodologia disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2017/11/16/inflacao-por-faixa-de-renda>>.

No caso da energia, nota-se que, apesar de ter contribuído fortemente para a alta de preços de todas as faixas, o reajuste de 4,5% nas contas de luz impactou muito o orçamento dos mais pobres relativamente aos mais ricos. Por certo, enquanto o grupo habitação contribuiu com 0,27 p.p. para a inflação do segmento de renda mais baixa, na camada mais alta, o impacto foi de 0,13 p.p. (tabela 4). Em relação aos alimentos no domicílio, deve-se pontuar que, a despeito de ainda apresentarem deflação em julho (-0,06%), esta veio em magnitude inferior a observada em junho (-0,39%), o que gerou um alívio inflacionário menor que o verificado no mês anterior. Adicionalmente, observa-se que as deflações dos grupos saúde e cuidados especiais e transportes impediram um avanço ainda maior da inflação em todas as faixas de renda. Se, por um lado, a queda de 2,0% dos itens de higiene pessoal favoreceu mais a inflação das famílias mais pobres, a queda de 2,8% no preço da gasolina se constituiu no principal fator de descompressão inflacionária para as classes mais ricas, anulando, inclusive a alta de 18,9% das passagens aéreas.

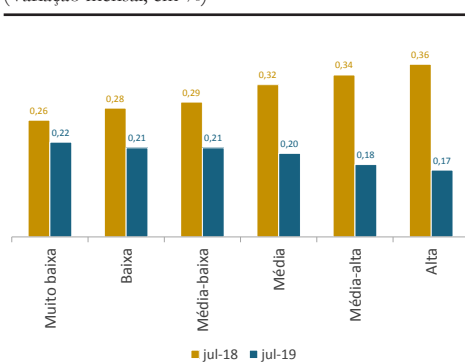
TABELA 4
Inflação por faixa de renda – contribuições por grupos (julho/2019)

	IPCA	Renda muito baixa	Renda baixa	Renda média-baixa	Renda média	Renda média-alta	Renda alta
	Variação (%)	Impacto em (p. p.)					
Inflação Total	0,19	0,22	0,21	0,21	0,20	0,18	0,17
Alimentação	0,01	-0,04	-0,03	-0,01	0,00	0,01	0,02
Habitação	1,20	0,27	0,25	0,22	0,20	0,17	0,13
Artigos de residência	0,29	0,02	0,02	0,02	0,01	0,01	0,01
Vestuário	-0,52	-0,03	-0,04	-0,04	-0,03	-0,03	-0,03
Transportes	-0,17	0,00	0,00	-0,01	-0,02	-0,04	-0,04
Saúde e Cuidados pessoais	-0,20	-0,06	-0,05	-0,04	-0,04	-0,03	-0,02
Despesas pessoais	0,44	0,03	0,03	0,03	0,04	0,05	0,06
Educação	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Comunicação	0,57	0,03	0,03	0,04	0,04	0,04	0,04

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Na comparação com julho de 2018, os dados mostram que houve uma melhora no cenário de inflação em todas as classes, ainda que a desaceleração tenha sido maior nos segmentos de renda mais altas (gráfico 14). Esse recuo inflacionário maior para as famílias mais ricas é explicado tanto pelo comportamento do preço da gasolina, que apresentou uma deflação mais moderada neste mesmo mês do ano anterior (-1,0%), quanto pelo desempenho mais favorável da alimentação fora do domicílio, cuja alta apontada em 2019 (0,15%) manteve-se abaixo da observada em 2018 (0,72%). Já para as famílias menos favorecidas, a trajetória de queda menos acentuada dos alimentos em 2019 impediu um recuo mais forte da inflação neste segmento.

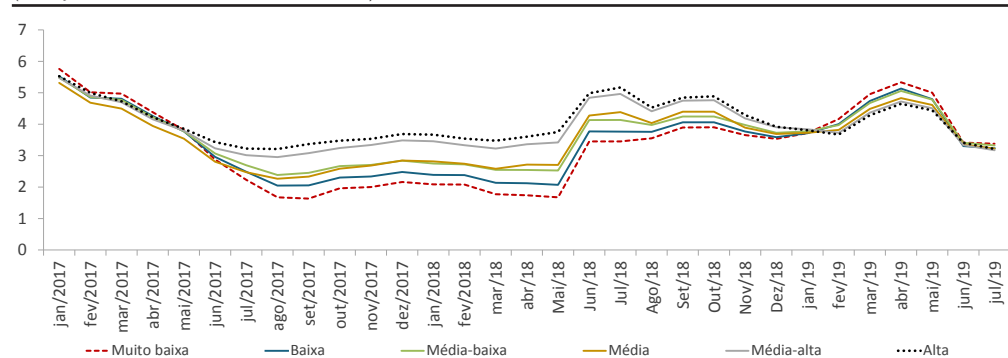
GRÁFICO 14
Inflação por faixa de renda (julho)
(Variação mensal, em %)



Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Com a incorporação do resultado de julho, observa-se que, no acumulado em doze meses, todas as classes de renda apresentaram desaceleração das suas curvas de inflação (gráfico 15). No entanto, ressalta-se que, embora não muito discrepantes, a inflação da faixa de menor poder aquisitivo (3,4%) encontra-se em patamar superior ao observado no segmento mais rico da população (3,2%).

GRÁFICO 15
Inflação por faixa de renda
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 5
Faixas de renda mensal domiciliar
(Em R\$)

Faixa de renda	Renda domiciliar (R\$ jan/2009)	Renda domiciliar (R\$ fev/2019)
1 - Renda muito baixa	menor que R\$ 900,00	menor que R\$ 1.615,64
2 - Renda baixa	entre R\$ 900,00 e R\$ 1.350,00	entre R\$ 1.615,64 e R\$ 2.418,20
3 - Renda média-baixa	entre R\$ 1.350,00 e R\$ 2.250,00	entre R\$ 2.418,20 e R\$ 4.039,09
4 - Renda média	entre R\$ 2.250,00 e R\$ 4.500,00	entre R\$ 4.039,09 e R\$ 8.078,17
5 - Renda média-alta	entre R\$ 4.500,00 e R\$ 9.000,00	entre R\$ 8.078,17 e R\$ 16.156,35
6 - Renda alta	maior que R\$ 9.000,00	maior que R\$ 16.156,35

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Adriana Cabrera Baca
Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Helena Nobre de Oliveira
Janine Pessanha de Carvalho
Leonardo Simão Lago Alvite
Matheus Souza Peçanha
Pedro Mendes Garcia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.